

as revoluções, visto modificar inteiramente as relações recíprocas dos homens. Mas, ninguém se atreve a intervir".

Este medo denuncia-se também pela fuga, à vista da máquina, que aparece por toda parte nesse momento. Nas "Peregrinações de Wilhelm Meister" Goethe faz dizer por Suzanne, proprietária duma fábrica de fição, que os progressos do maquinismo inquietam e atormentam: "Aproxima-se a rolar como uma trovoadas, a pouco e pouco; já tomou, porém, sua direção; há de vir e há de alcançar a meta. Pensam nisso, falam nisso, mas nem as reflexões nem os discursos poderão trazer a salvação. Aqui apenas restam dois caminhos abertos, tão triste um como o outro: ou adotar em pessoa as inovações e assim apressar a ruína, ou ir embora, levando consigo os melhores e os mais dignos e ir procurar além-mar um destino mais favorável".

E, realmente, não é pequeno o número dos que, fugindo às máquinas, se refugiam nas aldeias ou até se retiram para o outro lado dos mares. Nesses países vão "procurar uma sorte mais favorável" onde os sinistros seres de aço ainda não penetraram.

O "Erehwon, de Samuel Butler, exprime de maneira grandiosa e fantástica a ansiedade dos homens daquele tempo em face dos "demônios de aço": Um explorador denodado, depois de muitas fadigas e de muitos perigos, alcança um país encantador e fértil, cujos habitantes lhe proporcionam logo de começo um acolhimento afável. Porém, quando tira o relógio do bolso, seguram-no e querem executá-lo como um criminoso merecedor da morte, por ter sido surpreendido em flagrante com ãa "máquina". Com efeito, essa gente do país de "nenhures" já há muito reconhecera que só no princípio é que as máquinas se comportam como servidoras do homem. Sem tardar, tomam vida própria e desenvolvem-se até constituir uma raça onipotente, feroz e perigosa. Depois de duras lutas, conseguiram, ainda em tempo, subjugar suas máquinas e destruí-las. Desde então, é punido de morte todo aquele que torne acaso a inventar um aparelho mecânico ou a servir-se de semelhante coisa.

Aos trabalhadores de então, o aparecimento daquelas "danadas criaturas de aço" afigurava-se-lhes uma "invasão de demônios de metal". Demônios "desprovidos de coração e de nervos" que não conhecem a dor nem o medo, incansáveis e uniformes, parecendo providos de forças imortais" intrometeram-se na vida dos homens para causar-lhes a ruína. "A máquina é a culpada", escreve o editor do "Potters Examiner", no ano de 1844: "A máquina deixou os homens esfarrapados e sem emprêgo. A máquina confinou-os nos porões das casas e exilou-os de suas pátrias, de maneira que vão buscar em outros países o pão que, aqui, lhes é recusado".

## 3

## O chicote

Um traficante de escravos das Índias Ocidentais e um piedoso padre jesuíta visitaram, quasi ao mesmo tempo, as grandes fábricas têxteis da Inglaterra e cada um deles exprimiu à sua maneira as impressões recebidas. "Até agora", declara o morador das Índias ocidentais, a quem repugnam as tremendas cenas de humilhação e de maus tratos a que assistira nas fábricas, "tinha-me, a mim próprio, por desprezível, porquanto trafico com escravos. Porém, jamais, teríamos, nas colônias, julgado possível que homens pudessem ser tão cruéis para com outros homens!"

O padre jesuíta Charles Maria Cruci, por sua vez, diz que o espetáculo das atrocidades por êle testemunhadas o deixou "quasi petrificado". Depois de ter, de algum modo, tornado a si, perguntara ao dono da fábrica se não seria preferível fazer executar por animais os "trabalhos bestiais" ali efetuados por três mil homens, mulheres, crianças e anciãos. Com grande espanto seu, fôra-lhe respondido que, para tais serviços, animais eram caros de mais. Tendo o visitante ponderado que homens assim tratados deviam morrer muito depressa, retrucara-lhe o patrão que o número dos operários na Inglaterra era tão grande que isso não tinha muita importância.

Vinte anos depois, a visão daquela massa informe e suja de trapos e de carne humana, bem como as respostas do fabricante, torturaram-no ainda, cada noite, nos seus sonhos, e assim até sua morte.

Mais tarde, o alegre e jovial artista parisiense Paul Gavarni, por ocasião duma viagem de estudos à Inglaterra, entra por acaso num desses infernos fabrís. Volta transmudado: as crueldades que vira enchem-no duma melancolia tão profunda que "em toda a sua vida, nunca mais recobra o humour sadio e despreocupado de suas anteriores caricaturas".

Pelo olhar experimentado do senhor de escravos, a sensibilidade humanitária do sacerdote, atilada pela compaixão, e a vista aguda do